

Herdeira incerta e não sabida

A de antes era minha vida ordinária, normal, que somente agora se tornou séria. Antes era minha busca frenética por felicidade — enquanto agora é doer, doer e doer até o limite. Anterior a isto, eu era a passarinha mais vulgar, a maria-já-é-dia, cheia de ansiedades ao raiar das manhãs, que sempre fui muito diurna. Antes era o canto que acordasse os outros, eu cheia de alegria enérgica. Anterior a isto, eram as luzes da grande cidade, um frenesi de sexo, como num conto de ficção em que a protagonista fosse um substantivo comum de dois, entregue à vida e aos amores. Mas agora é o insólito desta calmaria, deste breu de noite, o esplendor estrelado contra um fundo todo preto de céu, e eu aqui tão sozinha, eu que, ao mesmo tempo, não gosto de histórias de amor.

Sou a mulher e o homem do meu próprio regimento, do meu próprio batalhão, o comando, eu que ocupo aqui o meu posto. Este é o capítulo mais difícil da minha vida, eu que só queria mesmo, antes, ser feliz, eu que deveria talvez ter permanecido em Houston, ou mesmo partido de vez para os Países Baixos, um lugar qualquer onde a história da nossa inexistência ficasse esquecida, onde eu vivesse distraída por todo tipo de amores, por todo tipo de tecnologias, por todo tipo de línguas estranhas.

Se isto fosse uma história, seria a narrativa de uma inexistência, começaria em página anterior ao zero, número negativo qualquer, o antes de tudo, tendo como enredo a minha ancestralidade rarefeita, nossa origem não registrada em livro cartorário nenhum. A narradora seria eu, falando provavelmente a partir de Houston, a metrópole global onde morei recentemente, na rua Delaware Way, número tal e tal...

Então isto — que não é a estrangeira Houston nem conto de ficção —, isto é apenas a terrível realidade, uma bravata pessoal, por uma questão de honra, minha intentona fora de época, referida aos anos de 1930, mas também aos de 1940 e antes, os 1800 em que nasceria meu avô. Busco o máximo de verossimilhança, embora isto não seja uma invenção — busco a verdade dos fatos, especialmente daqueles ocultados de nós, custe o que custar. Também não se trata aqui de um estudo intelectual. Isto é apenas uma investigação a meu modo, eu que sou semiárida, beligerante e corsária.

“Corsária” por causa de fatos verídicos ocorridos no mar, que meu pai sempre nos contou e que, em última instância, no fundo da minha inconsciência, influenciaram minha vida e esta decisão de estar aqui hoje, neste fim de mundo chamado Três Estradas. “Semiárida” porque somos originários da dureza deste alto sertão e porque, assim, portanto, me criaram, realista e estoica. “Beligerante”, sim, como cachalote ferida e, por isso mesmo, feroz — minha mente, minha cachola de baleia, é cheia de tanta coisa que teria a mesma grandeza desconforme da cabeça das cachalotes, elas que também têm dentes como eu.

“Corsária”, sim, como os bichos que assaltam, valendo-se do elemento surpresa de uma dor que lhes infligiram mas que não os matou de fato, corsária, portanto, como os bichos feridos que se vingam. Assim meu pai contava, na nossa meninice crédula, a história real, incontestável, entusiasmado como se fos-

se um capitão de fragata, qual cisne branco flutuando em noite de lua, verso do hino de marinheiro que ele costuma cantarolar ainda hoje, assim ele nos contava o evento verídico: o naufrágio de um pequeno barco causado pela vingança de uma cachalote, o mais inteligente dos cetáceos da face desta Terra. Arpoada pela crueldade, pela ganância argentária de um navio baleeiro, a cachalote conseguiu escapar, ferida, e foi deixando um rastro de sangue a tingir a superfície do mar azul. Ferida, azaranzada, com dor e raiva, atacou por engano um barco menor (pensando ser o baleeiro assassino), acertando no casco uma pancada tão forte que a embarcação fez água, a ponto de afundar.

Os náufragos, um casal que cruzava os oceanos navegando de ponta a ponta, perceberam o drama da baleia confusa. Salvaram-se, homem e mulher, refugiados em um bote inflável por mais de um mês até serem resgatados. Assim meu pai contava, maravilhado com a capacidade de os náufragos terem sobrevivido tanto tempo no bote e a muitas milhas da terra firme mais próxima. O desenlace desse caso real, meu pai lia para nós, em voz alta, de um pedaço de jornal amarelado, que guardava havia tempos: “Os dois náufragos não tinham dúvidas: haviam sido vítimas indiretas da ação daquele baleeiro e, possivelmente, da extraordinária capacidade de um animal de tramar e executar uma ação típica dos humanos — a vingança. Só que contra o barco errado”.

Mal sabe meu pai que toda a minha admiração vai não para o casal sobrevivente, mas para a baleia ferida e, ainda assim, e por isso mesmo, feroz. Ação típica dos humanos: vingança. Então, aquela ferocidade pode ser a minha. Feridos fomos todos nós, embora o animal, o bicho, seja somente eu mesma, aqui manifestada — com a diferença de que meu instinto não errará o alvo, pois que tudo estará mapeado, circunscrito por imagens precisas de drones, dimensionado e redimensionado concreta-

mente em olho por olho, em dente por dente. O elemento surpresa, neste caso, está comigo, a vítima calada por tanto tempo, herdeira incerta e não sabida.

De todos os lugares, minha passagem por Houston deveu-se ao carma que meu pai sem querer instituiu na minha vida, de sempre termos vivido perto de portos e aeroportos, dado o desejo frustrado que o homem alimentou vida afora de ter sido capitão de fragata ou piloto de avião. Por isso nós, seus filhos, nasceríamos nas redondezas das praias de lugares menores ou maiores, e sempre muito perto dos aeroportos onde ele trabalhou como almoxarife. Meu pai cumpriu o serviço militar como fuzileiro naval na juventude, na função de telegrafista, daí seu gosto pelo mar. Tempos depois, passou a colecionar flâmulas de companhias aéreas do mundo todo, além de miniaturas de aeronaves e navios de todo tipo. Assim ele purgava o que, no fundo, sentia como o fracasso de sua trajetória pessoal. Meu pai foi um injustiçado total, de fio a pavio, em palavras de meus avós postiços.

De todos os lugares, parei aqui neste cafarnaum chamado Três Estradas, no alto sertão, com o propósito de preencher lacunas e esclarecer mentiras que acompanham a vida de meu pai e de minha mãe, eles que não constam, eles sobre quem nada se registrou, eles que se calam sobre o que sempre me interessou conhecer. Esta minha aventura não tem a aprovação deles, muito pelo contrário, ofendem-se, amargando não sei que tipo de dor a partir dos dados que ando aqui coletando, de um passado remoto, da nossa antiguidade tardia, que preferem manter como morto, que ando revolvendo, trazendo à luz como ninguém nunca ousou fazer.

Não me deixo abater pelo chororô deles — mantenho meu plano, meu projeto pouco metódico, mas firme em seu propósito. E digo e repito a eles a todo momento: “Ora, quem, em

sã consciência, acha que eu quero contar a história da vida de vocês? Não! Não quero”, eu disse a meu pai e minha mãe numa conversa dura e definitiva que tive com eles antes de vir para cá. “Nunca quis! Porque é doloroso demais para mim também”, complementei.

Ainda que isto não passe de um arregimentado de provas, de um relatório de sistematização de provas para embasar uma série de processos em que vou pedir a justa indenização, isto também se chama dor, doer, doer e doer, mesmo que eu me proíba maiores emoções, vacilos, gagueira e tropicões típicos dos perfis de sofridas heroínas de histórias de ficção. Não. Não mesmo.

Os fatos que vêm de datas perdidas no tempo têm raízes na pequena comunidade de invasores holandeses que aqui se refugiaram nos idos dos 1600, acossados por tropas da Coroa portuguesa que os expulsaram do litoral de Pernambuco. Rastros daquela gente ainda são identificados em sobrenomes remanescentes de famílias como van der Ley, Lichthart, van Waerdenburch, de Holanda, tanto aqui como para as bandas do litoral.

Por uma coincidência quase fictícia do destino, meus pais têm vínculos com esse grupo estrangeiro, sendo minha mãe filha adotiva de uns Lichthart que lhe negaram esse sobrenome — e sendo meu pai filho bastardo de mãe identificada como van Waerdenburch, morta na hora do parto dele. Esse sobrenome, conforme meu pai sempre contou, vem de algum general holandês dos 1600, em cuja homenagem se construiu na capital, Imbiribeira, um forte chamado Waerdenburch, destruído há muitos séculos e séculos.

Para além da origem localizada no tráfico transatlântico de escravizados africanos para estas terras, fato evidente na cara de meu pai e de meu avô, eis que a ancestralidade holandesa se perdeu em documentos nunca lavrados, o que não significa que meu bisavô africano tenha tido papéis de procedência, re-

gistros com nome e datas. Não teve, não sabemos quem foi ele. Meu pai não sabe de nada, e nunca teve condições de procurar.

Dentre todos os lugares que escolhi para minha verificação e coleta de provas que demonstrem a genealogia perdida ou ocultada, a herança negada — Amsterdam, Timbó, Regalado e Imbiribeira —, o mais importante é este onde me encontro hoje, na região de Três Estradas, lugarejo onde minha mãe provavelmente nasceu, e por onde meu pai vagou aqui e ali, seguindo os passos incertos de meu avô Malaquias. Vim até aqui para um acerto de contas, para descobrir por que o sobrenome Lichthart foi omitido dos documentos de minha mãe, por que negaram a ela essa identidade de filha que deveria ter sido legalmente adotada. Por parte de pai, um de meus sobrenomes deveria ser van Waerdenburch, nome de proprietário, de donos de vastas extensões de terra de lavoura e gado, exploradores do trabalho braçal de meus tataravós, bisavós, avós.

Minha questão é a indenização por danos, pela herança adulterada, não é o status do nome holandês — e pouco me importa a outra origem fundadora das genealogias rarefeitas, pouco me importa o sobrenome de quem veio de que reino de Miragaia, os navegantes que aqui se instalaram como se esta fosse terra de Seu Ninguém. O que eles não sabiam (e não sabem) é que Seu Ninguém sou eu, Seu Ninguém é meu pai e é minha mãe. Pouco me importa em que século chegaram, em que ano da fundação de povoados seculares como Igarassu, pouco me importa aqueles de sobrenome “de Tal e Tal” que se assenhorearam por completo do país, alastrando-se terra adentro, de norte a sul, impondo seus Dias, seus Nascimento e seus Assunção aos aborígenes, aos escravizados de todo tipo. O sobrenome deles eu conheço, sei de onde vem. Sei que mal causaram. Minha questão é o nome ocultado, a herança usurpada, para além do outro dano infligido.

Vim também averiguar registros das ocupações que couberam a meu pai na fábrica de tecidos e na fábrica de cimento, vim provar como minha mãe teria direito a outro lugar no mundo que não a cozinha do refeitório a que foi relegada como lavadeira de panelas enormes, maiores do que ela, coisa que afetaria para sempre sua coluna vertebral já malformada, consequência da fome antiga e sertaneja. Minha questão é reivindicar o que seria por direito da massa proletária de onde vieram meus pais operários, trabalhadores a salário de fome, ele tendo perdido dois dedos em acidente de trabalho com machado na Companhia de Tecidos Lundvotorim, a CTL, fábrica de tecidos em Regalado, Pernambuco, e arruinado posteriormente seus pulmões na função de ensacador de cimento na Fábrica de Cimento Pauli, naquele mesmo município, ambas propriedades dos coronéis Lundvotorim. Portanto, cá estou eu para o acerto das contas dele, para o inquérito, a reclamação da dívida devida, da indenização total.

Vim a Três Estradas também para procurar Abel, irmão adotivo de minha mãe, filho e único herdeiro consumado do mesmo casal Lichthart que adotou ambos, Abel e minha mãe, crias do desamparo e da miséria dos sinistros anos de 1930 nestes sertões da alta antiguidade. Para tanto, faço aqui um levantamento, uma pesquisa completa. Meu plano é deixar tudo muito didaticamente documentado, como se fosse uma ferramenta de estudo, um material verossímil a qualquer auditabilidade, a quem interessar possa. Eles terão de se ver comigo, porque todas as provas estarão coletadas... organizadas em arquivos, em pastas digitais e físicas. Ao mundo não devo nada, eles é que me devem. Então, de resto, não devo nada a ninguém, eles é que me devem.

Estou preparando também uma cópia em papel (sou tão antiga quanto meu pai telegrafista e radioamador autodidata, fun-

ções extintas há décadas e décadas). Arranjei uma pasta de couro com zíper — que aqui ainda chamam de “fecho eclair” — onde estou organizando todos os documentos. Fui ao centro do vilarejo e comprei essa pasta — a cidade é onde tem papelarias —, e meia dúzia de canetas vermelhas, marcadores de variadas cores (como quem se aplica em um trabalho escolar, de primeiras letras). A caneta vermelha, uso para anotações complementares e correções nos dados; os marcadores, para ir eliminando com riscos o que já foi encontrado; o que não achei em nenhuma das fontes, anoto em letras grandes, em marcador azul, NC (nada consta, frequentemente dados sobre meus avós e bisavós, ou sobre eventuais antepassadas mulheres na nossa árvore genealógica de tronco ressequido, de poucos ramos identificáveis, sem folhas nem frutos).

“Se isto é meu memorialismo? Sim, chame do que quiser”, respondi a Álvaro, esse homem que já foi meu e que ficou em Houston. Silenciei todas as mensagens dele, de áudio, de vídeo, de texto, porque ele é implacável nas críticas a este meu projeto, que ele trata como um “aventurismo quixotesco”. Ora, Álvaro não conheceu meus avós, não me conhece, portanto. Não passei a ele minha localização geográfica atual (nem em tempo real nem imaginário). Ele no fundo gostaria de saber, porque se propõe, apesar da crítica, a me auxiliar com tecnologias de todo tipo na minha pesquisa de dados e documentos.

Em resumo, isto não passa mesmo de um fichamento para relatório, que estou fazendo porque faltam poucas páginas para o final da minha vida. Daqui por diante, vou contar mecanicamente assim a minha vida, em número de páginas — e deixar o resultado como de domínio público: acesse quem quiser o relato comprobatório de nossa desgraça, de nossa nanobiografia.

Não fiz roteiro prévio nem cronograma organizado, não sou metódica, mas delimitei como ano-teto para o final desta

apuração o dia do meu nascimento. Quando chegar naquela data, a pesquisa se interrompe, a despeito do que eu ainda não tenha conseguido descobrir — é o limite, a página última, número tal e tal, eu que deveria ter morrido aos sete anos de idade.

E, devo acrescentar, se isto fosse uma história, seria no linguajar local, dicção do tempo dos meus avós, que nasceram e morreram neste lugar, modo de falar de que eu já tinha me esquecido, mas que mantenho guardado em algum canto da memória, numa espécie de cofre cuja chave perdida reencontro de repente — pois eu faço meu próprio vocabulário desde menina, coleciono palavras do meu idioma e de outros, estrangeiros ou mortos, sinônimos e antônimos, que às vezes uso, ou deixo trancadas lá muito tempo. É porque não dicionarizaram a minha vida, então, faço eu mesma, monto a coletânea, dou significado; uso quando e como quero. É porque, como fui gaga quando menina, estabeleci a mim mesma um treino a partir da minha coleção: pronunciar cada palavra lentamente, depois um pouco mais rápido, e assim por diante, até conseguir emití-las como faziam as pessoas normais ao falar, sem vacilos nem tropicções, sem vexame nenhum.

— Desasila, Álvaro. Desasila! — eu disse a Álvaro outro dia, mas ele não entendeu, ficou no ar, silenciado. [Mantenho silenciadas as mensagens dele, que me geram angústia. Passo dias e dias sem saber se ele me procurou ou não.] Álvaro não conheceu o vocabulário dos meus avós. Não sabe quem são aqueles velhos, a cara, a língua não dicionarizada.

Nada disso são invenções lexicais. É tudo verdade e fala. (Mas quem se importa? Quem, em sã consciência, se interessa pelos avós dos outros? Somente eu, talvez, que sou regional e tenho fortes laços com a “hinterlândia”, como diz Álvaro, com o interior, o nada das vastas extensões desabitadas.)

Álvaro foi meu último homem, e vive em Houston, mas nós nos conhecemos em outro mundo tão improvável, um posto militar de fronteira na Amazônia, na região da Cabeça do Cachorro. Estávamos ambos a trabalho, realizando pesquisas no lugar, quando ele teve uma crise de medo de insetos, ele que padece de aracnofobia aguda. Eu ri do pânico dele, sem saber do grau de gravidade, e depois consegui acalmá-lo. Foi assim que nos aproximamos. Até hoje ele me recomenda todas as vacinas contra todos os vírus e insetos do mundo, antídotos que já tomei, e que já confirmei e reconfirmei que já tomei. Ele tem muitos medos, mas como vive em Houston, aquela cidade translacional, cidade-fármaco, onde parece que ninguém morre, onde parece que nenhum inseto sobreviverá, ele se esquece de que é um mero mortal.

— Você viu esta notícia, Álvaro? — perguntei outro dia, numa mensagem de pura provocação. — Viu que avistaram em Marte uns formatos, umas manchas em forma de desenhos que lembram aranhas? Talvez sejam aranhas de verdade... imagine você se forem mesmo, aí tua aracnofobia não terá salvação, nem aqui nem lá!

Quando Álvaro pediu para que eu ficasse em Houston, respondi que não podia, que não sou global, que sou regional-local, que poderia ser de qualquer lugar, como a Cabeça do Cachorro, que queria ter aprendido a falar em nheengatu, que eu poderia inclusive latir (brinquei)... que naquelas áreas de selva amazônica eu poderia muito bem ser um bicho, ou uma guerrilheira, que ele não me conhecia, porque não conhecera meu avô, que eu só fui parar em Houston por um estranho carma herdado de meu pai, e porque, finalmente, meu modo de ser não contempla um lugar tão estrangeiro quanto Houston — não mais, porque não sou daquela cidade, nem de outra, nem mesmo deste lugar onde nasceram meus avós, meus pais. Sou interestadual e deslocada, não sou natural daqui nem de lá. Quando perguntam minha “naturalidade”

em formulários, fichas de documentos e currículos, respondo: “Sou não natural”. Morei na rua Delaware Way, número tal e tal..., em Houston, mas esse endereço poderia ser em qualquer cidade do mundo, essa rua, uma *highway*, uma *freeway* na cidade onde eu me perdia sempre, confundindo norte com oeste, leste com sul, eu que sou pouco geográfica e muito desorientada.

Se isto fosse uma história, não seria uma narrativa de amor, porque não suporto esse tipo de coisa, sequências de fatos ordinários narrados, nem cronologia de amores passados, bons ou ruins, perdidos ou não, porque a vida são desvios, desencontros e divergências, porque não se conta a vida assim como se pensa que ela é, linear e singela e feliz. A vida é séria e péssima — e agora é doer, doer e doer até o limite.

Quando Álvaro me pediu para ficar em Houston, e perguntou o que eu vinha fazer aqui “neste buraco” onde estou, respondi:

— Não me peça para reviver a cidade. Não quero saber da cidade, que não me interessa, nunca me interessou de verdade. Não é isto que você chama de meu “memorialismo”? Então? E daí? É aqui que estão as minhas coisas, a minha herança nunca recebida, a indenização nunca efetuada. Para o inferno se não quiserem me dar, me entregar o que seria, por direito, de minha mãe e de meu pai. Pelo menos aqui não se tem ruído de vizinho. Prefiro os matutos, os conhecimentos infusos, o senso aguçado para a fatalidade que eles demonstram. Aqui sou sem máscaras, sou nua. Não preciso nem da metade de todas as roupas que tenho nos armários da cidade.

Álvaro é um multiprofissional engenheiro muito científico, dedicado a operações complexas de atribuir inteligência de gente às máquinas, daquele tipo de homem que faz qualquer outra pessoa se sentir um tanto ridícula, como se somente ele soubesse das coisas, como se a existência do outro fosse indicador de algo absolutamente insignificante. Nosso relacio-

namento amoroso pouco importa hoje. Mas ele me procura sempre, como quem ainda gosta de mim, para emitir alertas de todo tipo, dar conselhos, fazer suas ponderações muito críticas. No entanto, e em certo sentido, é bem verdade, me interessam mais as pessoas que não gostam de mim do que as que gostam. Interessa-me saber que defeito meu é que desperta nelas desprezo, repreensão, indiferença, entre outros sentimentos ruins. Não significa que pretendo mudar o defeito que elas identificam em mim. Muito pelo contrário, minha vontade é agravá-lo ainda mais, exacerbá-lo até um ponto insuportável para elas.

Se isto fosse uma história, seria uma comparação entre este cafar-naum de Três Estradas e a cidade de Houston, entre uma imagem computacional de alta precisão e uma cerca de varas de marmeleiro, entre uma paisagem de xique-xique espinhoso se esgalhando pelo chão e o pavimento fluido de uma *freeway* de Houston, entre uma casa de pau a pique e uma *tower*-torre qualquer de arranha-céu do *skyline* de Houston, entre a Cabeça do Cachorro e a ilusão de ótica do formato de uma aranha no solo de Marte, entre uma mulher de vida ordinária quase feliz e outra, esta, eu, hoje, na seriedade de um propósito maior, por uma questão de honra.

Isto não é a cidade — pelo contrário, é o fim do mundo este lugar onde estou. Às vezes acho que vim fazer a coisa certa, outras horas vem a condenação, e duvido de tudo, não sei que besteira armei para mim mesma. Esta semana, me deu um desânimo e parei tudo. Um desânimo, sim, pois quem, em sã consciência, decide revolver todo um passado em busca de uma herança perdida talvez para sempre? Quem, por mais beligerante?

Estou aqui entocada faz dias, deitada por horas inteiras nesta rede, indo do alpendre para a cozinha e a sala, o dia todo. No mormaço da tarde, observo daqui o rebuliço de um ou outro calangro verde ciscando pelo terreiro e escapulindo ligeiro pe-

las frestas da cerca... uma existência e tanto desses bichos que rastejam, que nunca precisaram viver erguidos sobre as patas, que não correm o risco de cair, para depois precisar do esforço sobre-humano de se levantar.

Herdei provavelmente de minha mãe uma coluna vertebral defeituosa, uma malformação na genética dela, por provável desnutrição, falta de comida, de cálcio que fortalecesse seus ossos na infância miserável que amargou nestes sertões, de modo que houve a transmissão desses dados deficientes para o meu corpo de filha. Tenho dores nas costas que não teria se fosse uma dessas espécies terrícolas rastejantes, um calangro ligeiro. Afinal, ninguém neste mundo deveria ser obrigado a ficar ereto o tempo todo, como ser humano que se ergueu sobre as pernas.

Com o correr da vida pesada, a coluna vertical de sustentação não aguenta, vem a dor, comprime-se a cervical, a torácica se curva toda, a lombar encolhe, cheia de calosidades e calcificações; as vértebras escorregam — mesmo que minimamente — para um lado e para o outro. Vem a dor, até a pessoa ter vontade de se entregar, virar o réptil deitado e de quatro patas de quando assim o foi um dia, talvez, de onde assim se originou, de como assim surgiu e o foi. O foi — ou seja, quando, onde e como foi bicho. O foi, sem fala, quadrúpede cheio de instintos, lagarto escorregadio. Afinal, um médico me disse que o pescoço (a cervical) é o cabo de guerra entre o racional (a cabeça) e o emocional (o corpo-coração). Quando o pescoço está comprometido, com dor, é por isso, ele disse, porque o corpo está enfrentando um cabo de guerra.

Em outro momento do mormaço desta hinterlândia, fico prestando atenção no canto de passarinhos diversos..., como se conversasse com meu avô Malaquias. De manhã cedinho canta aqui uma maria-já-é-dia... uma passarinha vulgar cujo canto pa-

rece emitir repetidamente esta frase: “maria, maria... maria, já é dia...”, “maria, maria... maria, já é dia...”. Foi meu avô Malaquias, pai de meu pai, que me ensinou a ouvir. Meu avô! Que vontade de falar com aquele homem com quem convivi tão pouco. Meu avô... um preto filho de africanos escravizados, que ninguém chamou de capitão nem coronel aqui por estes confins onde nada lhe pertenceu.

Em momentos como este, preciso vencer minha súbita descrença, esta apatia, falta de ânimo para lutar contra a desesperança e o lento passar do tempo. Estou usando a mesma roupa faz quatro dias, que aqui neste fim de mundo ninguém me vê, nem é a variedade de roupa o que conta. Admiro com espanto pessoas que ficam deprimidas por longos períodos, entregues, largadas, paralisadas. Não é meu caso, não posso fraquejar a esse ponto em que sucumbem os desolados da vida. Infelizmente gosto do amanhecer, do canto dos galos inaugurando manhãs... da passarinha vulgar e repetitiva. Sou muito diurna. Mas ontem tive dificuldade para dormir, acordei de madrugada... Perdi o sono. Não sei para onde ele foi. Saí para o alpendre. O céu aqui é todo estrelado em fundo preto e límpido, todo completamente, como não se vê nas cidades grandes, de luzes artificiais, onde já vivi. Na alta madrugada, sapos coaxavam lá longe, para os lados do regato. A casa estava cercada de escuridão por todo lado. Adormecer custou-me horas, como se eu fosse a sentinela de mim mesma, vigiando não sei que trincheiras, de não sei que guerra, isso que tem o nome de insônia. Esta caatinga ressequida transforma-se de noite numa mata branca, como se a galharia estivesse coberta de neve, ressaltando-se no breu da noite como paisagem invernal europeia, holandesa.

Ao adormecer finalmente, tive um sonho com Álvaro: na verdade, sonhei com um homem que tinha a cara dele, mas o pênis de outro... de um amigo que temos em comum, em Houston,

homem de corpo robusto, todo forte... Era assim o pênis carnudo desse homem no sonho, bem mais grosso que o de Álvaro... coisa absolutamente sem sentido, porque eu jamais faria sexo com aquele amigo. Não contei a Álvaro sobre o sonho, cuja atmosfera era de certo desencontro e estranheza. E tenho sonhos sexuais eventuais com uma mulher, que são de outra ternura, muito embora sonhos não me movam, não me deixem marcas nem impressões fundas. Trato de apagá-los logo, esquecê-los no dia seguinte. Não quero viver de coisas irrealizáveis.

Não sei por que Álvaro ainda fala comigo. Já não temos nada um com outro. Quando saí do nosso relacionamento, ainda em Houston, eu já estava de amores com uma mulher, Betina Eckout, que conheci em Amsterdam e me auxiliou com minha pesquisa pela origem e destino dos van Waerdenburch desde aquela alta antiguidade dos 1600 até a atualidade. Álvaro se ressentiu, meio pasmo. Fato é que ele, no fundo, se interessa por esta minha façanha investigativa, envia mensagens com frequência, quer saber como as coisas andam. Estranho como Álvaro me lembra certos homens e mulheres com quem já estive — a mesma oposição a certa altura das relações, as mesmas dúvidas, queixas, desencantos. “Está na cara que o desejo era por mim...”, Álvaro diria sobre meu sonho de sexo com outro homem.

Se isto fosse uma história, eu escreveria tudo o que de fato interessa — e não mencionaria Álvaro (não suporto narrativas de amor). Agora só faltaria escrever, na dicção deste alto sertão: em correção precisa, revisão necessária. Escrever, reunir os elementos da composição de nossa malformação (a pobreza de meu pai e de minha mãe), relacionar o presente a uma ausência, a um passado que parece não ter existido. Que vaga foi essa que desagou na nossa desgraça?

Mas este meu relatório de inteiro teor não passa do resultado de uma bricolagem infernal, processo caótico de coleta de

dados, de angariar de provas, de sistematização da nossa marca de nascença. Aprendi essa palavra “bricolagem” com um homem — há palavras que aprendi com homens; outras, somente com mulheres. Aprendi a ser intelectual com uma mulher. Se isto fosse uma história, minhas descrições teriam crueza, dor e malvadeza, como quem dissesse: dane-se quem ler, quem ouvir.

Se isto fosse uma história, pois eu escreveria direito, como menina praticando caligrafia, no capricho, devagar e cuidadosamente — assim era que o resultado ficava bom e eu admirava a mim mesma, eu que faço meu próprio dicionário desde criança, numa espécie de vício de colecionador, que não serve para nada, mas eu faço. O que ocorre é que isto não passa de um metódico relatório a ser concluído, ainda que cheio de manchas de tinta de cores diversas, de canetas, marcadores e lápis — isto não passa de um mata-borrão antigo, que vai absorvendo a tintura do rascunho de nossa biografia rarefeita e irrelevante.

Larguei minha existência ordinária em Houston (o antes) e decidi vir para cá cuidar da minha vida séria e tão pregressa que começa em página de numeração negativa. Minha dívida eu pago assim, em ação radical — faço, providencio, é como vejo que preciso agir quando se trata, em parte, daquilo que julgo destino injusto de família, de antepassados que desconheço. Ao resto do mundo, não devo nada, eles é que me devem.

Houston, cidade que é um disparate de tão rica, me serviu como o contraste de que eu precisava. Foi lá que me prometi vir aqui, a este cafundó onde hoje estou, para fazer exatamente o que vim fazer. Decidi em Houston — onde eu sempre me perdia entre a Freeway South e a Freeway North, entre leste e oeste — cumprir o que considero um dever, um justicamento necessário. E aqui eu não me perco, lugar pequeno insignificante nos mapas do mundo, aqui eu sei mais ou menos quem sou e para onde vou. Aqui procurei principalmente Abel, o tio adotivo, sem laço de

sangue, irmão de criação de minha mãe, a quem pedi satisfação e esclarecimentos sobre um passado que sempre me intrigou e nunca se esclareceu — porque talvez eu não tenha perguntado o bastante, porque talvez tenha adiado muito me defrontar de vez com a defeituosa crônica de nossa vida. Conta-se, no diz que me disse de aparentados e conhecidos da família, que Abel vive na opulência, tendo muitas terras sob seu domínio.

Sou herdeira incerta e não sabida — assim consta, como “herdeira incerta e não sabida” —, conforme citado nos termos do requerimento (de minha reivindicação, minha declaração de inteiro teor) que tramita em fóruns deste fim de mundo onde me encontro. Uma questão de justiça. Uma questão de honra.

Neste deserto silencioso e imóvel — extremo oposto do vai e vem de automóveis cortando velozes as perfeitas lâminas de asfalto das pistas de Houston —, não há ninguém pelas redondezas, nenhuma vizinhança, estou a cerca de trinta quilômetros do centro do que se pode chamar de cidade mais próxima, onde vive Abel, onde também estão parte de suas propriedades, suas terras, seu gado, suas plantações, “seus possuídos”, como ele diz. Aqui, somente os bichos sabem de mim, um calangro, um preá, uns passarinhos cujo canto foi meu avô paterno que me ensinou a escutar e reconhecer — um sofrê, uma maria-já-é-dia. O resto é silêncio total, somente cortado aqui e ali pelo tilintar dos sinos no pescoço das cabras que pastam entre gravetos, na mataria seca aqui perto, ou pelo ronco de alguma motocicleta de trabalhadores do lugar, indo e vindo nos seus afazeres.

Não dei nem mesmo a minha família este endereço exato, deste povoado que tem por nome Três Estradas, mas isso pouco importa, que o lugar podia ser também Piancó, Caicó ou Icó, Cuité ou Catolé — tudo é o mesmo Congo, o mesmo alto sertão. Andei vasculhando esses lugarejos por aí, além de outros. (E eu não quero mesmo que me encontrem, não me interessa passar

para ninguém minha localização geográfica em qualquer tempo, real ou irreal.) Desta casa onde estou vivendo, a paisagem de terra seca e vegetação rasteira se estende até o pé das serras baixas mais além. Somente uma ou outra algaroba frondosa se destaca neste vazio, a presença de uma ou outra jurema mais alta, um faveleiro persistente. Nada — somente um casebre aqui, outro acolá, que mal se avista, brotando adiante da estrada estreita, de solo raso e cascalhento, e outros trechos em areia tão fofa e branca que lembra uma praia.

Só pode ser verdade, portanto, que este território todo já foi mar um dia, em tempos tão anteriores que é quase inacreditável. Pois se os humanos já foram à Lua e enviaram robôs a Marte, por que este pedaço de chão não pode ter sido mar? É claro que pode! É claro que isso aconteceu.

Portanto, do mesmo modo que já está provado que existiu gente neste mundo há mais de dez mil anos, ou mesmo há dez milhões de anos, os caçadores-coletores, os desenhistas de pinturas rupestres em cavernas, se é preciso afirmar a paleontologia, a Idade da Pedra, a Era do Gelo, como não dizer que houve aqui, neste saara, na altíssima antiguidade, uma inundação pelo mar? Como não comprovar que esta minha intentona se baseia em fatos reais, em números reais, em gente de carne e osso como meu avô, meu pai, minha mãe — ainda que sem registro, ainda que vítimas do apagamento intencional da história?

Estou buscando também em arquivos e literatura de época algum parente ou aparentado meu que porventura tenha lutado nas revoluções do século retrasado. Seria um bisavô? Em qual intentona? Em que século passado? Sim, ora, porque houve revoluções! Houve insurgências populares em toda a miserável década de 1930. E antes, em décadas anteriores, não houve também convulsões sociais, cangaço, justiça? Revoluções malogradas, é verdade. Mas quem, da minha parte, do meu antigo sangue, se

revoltou, se rebelou como eu? Quem? Quem, que eu não encontro, que não deixou rastros, mas que certamente existiu, tanto quanto homens pintores habitaram cavernas? Quem, cujas vozes, cujos atos, ecoaram aqui mesmo, nesta localidade? Que vitórias praticaram? Que combates travaram, que feridas sofreram? Deixaram rastros de sangue por aqui ou pela superfície do mar? Saíram vitoriosos ou derrotados? Necessário encontrar avós, bisavós e tataravós que comprovem minha herança. Empenho-me há meses em buscar seus nomes, querendo ler sobre eles, ver uma imagem deles em retrato. Mas como ler o que não foi escrito, o que nunca se disse nem se registrou? Como ver o que não se fotografou? A busca me parece inútil em diversos momentos, quando fraquejo, quando minha vontade é tocar fogo nesta habitação provisória e ir-me embora para não sei onde — que talvez eu não tenha para onde voltar, eu que devia ter morrido aos sete anos de idade.

Esta sou eu, beligerante e corsária, procurando trincheiras de não sei que guerra. Estas são minhas questões. Esta é minha era do gelo em pleno processo de derretimento, é minha floresta se degradando, sou eu, que não passo de uma presa em extinção, uma baleia se defendendo de algum arpão. Mas eu não vim aqui para falar com ninguém não, a não ser pelo estritamente necessário à minha investigação. Vim acertar umas contas. De resto, sou quase um indígena isolado... eu que tinha este desejo de pertencer a um daqueles povos que nunca são vistos, senão furtivamente, enfiados nas profundezas da mata escura, de quem só se ouviu falar, de quem só existe vestígio vago, boato e lenda.